



O (NÃO) LUGAR DA EQUIPE DE CUIDADOS PALIATIVOS NA PEDIATRIA DE UM HOSPITAL ONCOLÓGICO DE SALVADOR

Eixo Horizontal: EH4: EQUIPES DE SAÚDE
Eixo Vertical: EV1: PRÁTICAS PROFISSIONAIS

VERÔNICA RIBEIRO E ANDRADE; CRISTIANE DE OLIVEIRA SANTOS; FERNANDA ROBERTA MENEZES BRAIN;

INTRODUÇÃO: De acordo com a OMS, na década de 90, os cuidados paliativos eram aplicados apenas aos indivíduos que tinham doenças sem possibilidade de cura. A partir de 2002, esses cuidados passam a ter finalidade de promover, através de uma equipe multidisciplinar, qualidade de vida ao paciente e seus familiares a partir do investimento ativo e integral prestado à pessoa com doença grave, progressiva e que ameaça a vida. Uma vez que o câncer se caracteriza como adoecimento crônico e possui, portanto, perfil para este tipo de cuidado, é suposto que qualquer sujeito diagnosticado com tal doença seja acompanhado por uma equipe paliativista, que vise contemplar aspectos físicos, sociais, emocionais e espirituais levando em consideração os processos de decisão compartilhada, planejamento avançado do cuidado, questões éticas, assistência no fim de vida e suporte ao luto familiar. No que tange a população infanto juvenil, a assistência à unidade de cuidado se faz ainda mais necessária, uma vez que os cuidadores/familiares participam ativamente do processo de tomada de decisão acerca das condutas terapêuticas. **MÉTODO/OBJETIVO:** A partir da experiência enquanto estagiária de psicologia que integra a equipe multiprofissional de um hospital oncológico em Salvador, o objetivo deste trabalho é promover uma reflexão sobre o (não) lugar da equipe de cuidados paliativos na oncopediatria. **RESULTADO/DISCUSSÃO:** É importante mencionar que a oncopediatria desta instituição não disponibiliza de unidade de cuidados paliativos neste setor, o que por si só já diz de um não lugar desta abordagem e de uma limitação já posta a princípio. No contexto em que se dá a experiência é possível constatar que a equipe atrela o cuidado paliativo à terminalidade, uma vez que só é nomeado e discutido pela equipe multiprofissional diante da impossibilidade de uma terapêutica curativa; assim como os acompanhantes e próprios pacientes associam o termo ao fim de vida e desinvestimento. Porém vale frisar que isso é potencializado em decorrência dos estigmas, dos mitos, do desconhecimento e da própria falta do lugar do cuidado paliativo na unidade. Nota-se que, ao se tratar do público infanto-juvenil, este tema se toma ainda mais delicado tanto para a equipe médica quanto para os acompanhantes, uma vez que subverte a lógica natural da vida. É possível perceber através do acompanhamento psicológico que o sofrimento da família/cuidador e do paciente se dá desde o momento do diagnóstico e se estende ao decorrer da trajetória do adoecimento/tratamento. Assim, cabe ao profissional de psicologia, enquanto integrante da equipe multiprofissional, construir junto à unidade de cuidado estratégias de enfrentamento, elaboração e ressignificação em torno da experiência supracitada; assegurar a autonomia do paciente, mesmo sendo ele uma criança ou adolescente; e, principalmente, garantir a qualidade de vida do sujeito em sua integralidade. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Ratifica-se, portanto, a importância da desconstrução dos estigmas em torno dos cuidados paliativos, tendo em vista assegurar ao paciente acometido por uma doença crônica o pressuposto básico desta abordagem: a qualidade de vida.